



## O ESCAPE DO (RE/O)PRIMIDO: UMA DISCUSSÃO SOBRE A MEMÓRIA A PARTIR DO DOCUMENTÁRIO *MOSCOU* E DA PSICANÁLISE DE FREUD

Leonardo Victor de Souza Santos Silva  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)  
Endereço eletrônico: 2021m0119@uesb.edu.br

Caroline Vasconcelos Ribeiro  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)  
Endereço eletrônico: carolinevasconcelos@hotmail.com

2145

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa tem como foco a análise do documentário *Moscou* (2009), dirigido por Eduardo Coutinho. O filme é interpretado segundo o conceito de memória formulado por Freud, considerando os processos inconscientes que nela operam. Para o pai da psicanálise, o psiquismo funciona a partir de uma articulação entre instâncias psíquicas e o esquecimento é fruto da atuação da repressão sobre conteúdos que possuem efeito patogênico ou de desestabilização emocional. O objetivo da pesquisa consiste em verificar em *Moscou* quais recursos estéticos escolhidos pelo diretor suscitam uma aproximação da maneira como Freud pensa a memória e o esquecimento. O trabalho se justifica porque aponta para um diálogo pouco ou nada explorado nos trabalhos de Brum (2015), Gonçalves (2016), Moreira (2009), Néia (2019), Alves et al. (2015). O diálogo entre a psicanálise e o cinema de Eduardo Coutinho que propomos aqui, instala-se numa brecha teórica que estimula a produção de uma leitura sobre *Moscou* que é pouco explorada, já que constatamos uma parca atenção dos trabalhos acessados durante a revisão bibliográfica em relação ao recorte do fenômeno mnêmico na perspectiva freudiana. Outro aspecto relevante refere-se ao fato de a pesquisa estabelecer uma interface – considerando o campo interdisciplinar das teorias da memória – entre cinema e psicanálise. A escolha do cineasta e do filme se justificam pois, segundo Rodrigues (2012), toda a filmografia de Coutinho tem por essência o tema da memória a nível individual e coletivo.

### METODOLOGIA

O objeto de investigação situa-se no campo da imagem, mais especificadamente a imagem audiovisual no formato de produção cinematográfica. O objeto é o filme *Moscou* (2009), de Eduardo Coutinho. As escolhas estéticas expressas em planos,



enquadramentos, movimentos de câmera, iluminação, edição, direção de arte e som são os dados que compõem o objeto da pesquisa em questão. Os dados desta pesquisa são extraídos de fragmentos de cenas e depoimentos dos atores participantes do documentário. As instâncias confluentes no filme, quais sejam, a dramaturgia de Anton Tchekhov (2021), a linguagem híbrida do Grupo de Teatro Galpão, a filmografia de Eduardo Coutinho e o trabalho de direção teatral de Enrique Diaz são pensada em articulação com a teoria freudiana da memória. A coleta de dados é realizada através da decupagem do filme. A análise fílmica é feita mediante o método fenomenológico-hermenêutico e articulada ao exame bibliográfico de textos de Freud e de comentadores de sua psicanálise. Nos ancoramos em Gadamer (2005), para quem a interpretação se dá no âmbito do reconhecimento da situação em que se encontra o interpretante, para assim se voltar a validação da coisa em si.

2146

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os conteúdos de memória, tanto no documentário quanto na psicanálise, se constituem de fragmentos de uma realidade que podem ser acessados mediante exercício psíquico do resgate daquilo que escapou e segue escapando. Ao observar a maneira como seus pacientes lidavam com conteúdos traumáticos, Freud (1996a) percebe que as cenas e afetos que desestabilizavam o psiquismo do sujeito aparentemente desapareciam, se tornavam matéria esquecida. A pesquisa psicanalítica desvendou o mecanismo capaz de retirar da consciência os conteúdos com efeito patogênico: a repressão. Se esta operação falha, ocorre a insurgência de um adoecimento psíquico ou de atos cotidianos que deixam escapar, em doses toleráveis, alguns conteúdos do material reprimido. Os sintomas e demais formações inconscientes – atos falhos, sonhos, atos sintomáticos – correspondem a formas variadas de insurgência de traços mnêmicos que burlam as forças de repressão. Freud (1996b) chega a afirmar que o sofrimento psíquico é um sofrimento por reminiscências. O acesso do analista a essa realidade subterrânea à consciência se dá mediante a fala do paciente, a qual permite eclodir – através de fantasia, delírios, sonhos e sintomas neuróticos – um material que estava inacessível devido ao trabalho da repressão. A volta do reprimido nem sempre é translúcida e clara, posto que o conteúdo que escapa se torna disponível de maneira cifrada, distorcida e velada. Caberá ao analista proporcionar uma escuta qualificada que permita ao paciente recordar e elaborar os conteúdos fragmentários de sua verdade individual, segundo Freud (1996c). De forma análoga, a forma do

Realização:



Apoio:





documentário (planos, transições e narrativa) dá acesso a fragmentos de memórias em um processo que durou 3 semanas. O desafio dado por Coutinho ao Grupo de Teatro Galpão consistiu na tarefa de preparar a encenação do texto *As Três Irmãs*, de Anton Tchekhov. A trama consiste em cacos da narrativa traumática decorrente da perda do progenitor numa família de 4 irmãos, sendo três mulheres. O documentário se esgotaria nessa assertiva. No entanto, a confluência da história pessoal dos atores do Grupo Galpão em cena com o texto dramático do Tchekhov (2021), os exercícios propostos pelo Enrique Diaz e o corte final do filme de Coutinho tornam infundáveis as potencialidades que, numa leitura desse objeto empírico, emerge o fenômeno da memória nos moldes freudianos. As cenas são de um suposto ensaio em seus intervalos, das fabricações das cenas pelos atores, transições de uma cena a outra, sem o cenário e figurino requisitado pelo texto dramático, com ruídos paralelos de diferentes fontes e até mesmo imagens com mínima fonte de luz. Em suma, todo tipo de material que num filme convencional não caberia no seu produto final. Segundo Adorno (2011), de forma abrangente a todo o campo artístico, a Indústria Cultural deforma a proposta original do objeto de arte, em prol da obtenção de lucro. O filme recebe o maior acabamento possível com a finalidade de circular comercialmente, conquistando compradores. Na contramão disto, Coutinho entrega uma obra não muito palatável, pois força o espectador a lidar com outro formato, diferente do único e inegociável produto fílmico convencional.

Concebemos como resultado desta pesquisa, o entendimento de que o reencontro com o objeto de arte promovido por *Moscou*, abdicando do usufruto tal qual fetiche de mercadoria, consiste em apagar o esquecimento que uma linguagem fílmica padronizada, segundo a ordem financeira, estrutura. A opressão que um gosto estético impõe é denunciada e enfrentada no método e em testemunhos assistidos em *Moscou*. Além deste resultado, nossa pesquisa apontou que o diálogo com a psicanálise de Freud nos oferece condições de entender como a fala rememorativa – tanto dos personagens quanto dos atores – consiste em caminho para chegar em conteúdos dolorosos que, apesar de terem sido banidos da consciência, atuam como fator inconsciente na produção de sintomas psíquicos e verdades individuais.



## CONCLUSÕES

Devido a amplitude de temas integrados a constituição dessa obra, fizemos um recorte para atentar para as escolhas estéticas operadas pelo diretor. A edição tem preferência por imagens inorgânicas e descartáveis. O olhar sobre esse aspecto técnico, munido do instrumental da psicanálise, nos permitiu concluir o quanto as imagens de Coutinho encontram correspondência com a realidade esquecida teorizada por Freud. O esquecimento, segundo sua psicanálise, consiste na atuação da repressão sobre cenas e conteúdos que têm o poder de desestabilizar o aparelho psíquico. O acesso a esse material reprimido é sempre fragmentário e se dá a partir de um exercício clínico de rememoração. Um exercício análogo é feito por atores do Grupo Galpão que são estimulados pelo diretor a trazer memórias de forma espontânea. O filme nos permite concluir, a partir de um olhar psicanalítico, que a memória dos personagens contamina os atores e os sentidos enunciados se emaranham em afetos esquecidos que são acordados nas cenas e nos exercícios. Além disso, cumpre destacar uma outra conclusão: a narrativa do documentário é estilhaçada numa concatenação de fragmentos, que não somente espelham o próprio fenômeno da memória, mas também contribuem para repensar o próprio cinema a partir da ruptura com a linguagem que lhe é atribuída pela indústria cinematográfica. A partir do arcabouço freudiano, podemos detectar que essas imagens e o texto dramático de Tchekhov, datado do final do século XX, não se referem a uma realidade de outros tempos, mas a algo vigente que extravasa nas memórias dos atores-personagens. A opção de Coutinho pelo fragmentado e pelo material fílmico dejetável guarda uma profundidade: nega o próprio ato de fazer cinema conforme as convenções de linguagem vigentes. Uma vez que negar o cinema seria desistir de realizar uma produção, as rasuras da sua gramática é uma marca estilística capaz de expor seu posicionamento. A presente pesquisa termina por concluir que Coutinho, ao assumir tais propostas estéticas em *Moscou*, torna possível a defesa de causas contra-hegemônicas, mesmo que o diretor necessite se servir das estruturas de opressão econômica e cultural que o cinema não abdica. Dessa forma, o documentário de Eduardo Coutinho luta contra as opressões engendradas pela imposição de um paradigma estético ditado pela indústria do audiovisual oferecendo a possibilidades de um outro fruir de imagens e, concomitante, oferece a possibilidade de uma luta contra a repressão já que a rememoração faz parte da tônica da obra. Em *Moscou* escapa o reprimido e o oprimido.



**PALAVRAS-CHAVE:** Cinema. Freud. Eduardo Coutinho. Memória.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Teoria Estética**. 2 ed. Tradução de Artur Morão Lisboa: Edições 70, 2011.

BRUM, Rodrigo Gratacós. Três variações para o ensaio: Tchekhov, Kuleshov, Coutinho. **Ao Largo**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 1-12, 2015.

FREUD, Sigmund. Construções em análise. In: **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996a. Vol. XXIII.

FREUD, S. A etiologia da histeria. In: **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996b. Vol. III.

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar. In: **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996c. Vol. XII.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 7 ed.. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

GONÇALVES, Marco Antônio. Moscou: o encontro marcado entre Coutinho e Tchekhov e a construção de uma estética distópica. **Novos Estudos CEBRAP** (Impresso), v. 107, p. 34-41, 2016.

MOREIRA, Flávia Cristina Assis. **As fronteiras entre documentário e ficção em Moscou: um filme de Eduardo Coutinho**. 2009. 24 f. Monografia (Especialização) - Curso de Curso de Pós-Graduação em Lato Sensu em Comunicação: Imagens e Culturas Midiáticas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MOSCOU. Direção: Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Bretz Filmes, 2009. 1 DVD (78 min).

NÉIA, Lucas Martins. O processo como obra: de Anton Tchekhov a Enrique Diaz e Eduardo Coutinho, caminhos para Moscou. **Novos Olhares**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 88-97, dez. 2019.

RODRIGUES, Laécio Ricardo de Aquino. **A primazia da palavra e o refúgio da memória: o cinema de Eduardo Coutinho**. 331 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Artes, Universidade de Campinas, Campinas, 2012.

ALVES, A. R. J. B.; PADILHA, L. G. A.; RODRIGUES, L. R. A. Do ensaísmo ao inacabamento - a radicalidade de Moscou no legado de Eduardo Coutinho. **RUA - Revista Universitária do Audiovisual**, v. 1, p. 1-15, 2015. Disponível em: <https://www.rua.ufscar.br/do-ensaismo-ao-inacabamento-a-radicalidade-de-moscou-no-legado-de-eduardo-coutinho/>. Acesso em: 27 abr. 2022.

TCHÉKHOV, Anton. Quatro Peças: A gaiivota, Tio vânia, Três irmãs e O Jardim das cerejeiras. Tradução de Rubens Figueredo. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2021.

2149

Realização:



Apoio:

